

➤ S.O.S Europa Faminta. Comitê de Socorro à Europa Faminta – SEF – (1946-1949)

Evandro Fernandes

Faculdades Integradas de Taquara-FACCAT, Brasil

Resumo: Este artigo analisa a atuação da organização de ajuda humanitária denominada de *Comitê de Socorro à Europa Faminta, SEF*, no contexto brasileiro e internacional entre os anos de 1946 e 1949. A análise mostra a importância da atuação de organismos de ajuda humanitária para a reconstrução da Alemanha do pós-guerra no Brasil, identifica as motivações políticas e ideológicas que fizeram com que as elites do grupo étnico alemão no país se mobilizassem em prol da Alemanha, bem como destaca seu papel na criação e articulação do comitê. O artigo identifica as dificuldades enfrentadas pelo Comitê de Socorro à Europa Faminta na remessa de ajuda humanitária para a Europa, em especial para a Alemanha, bem como os grupos sociais que tomaram parte nas suas arrecadações, as estratégias de articulação de suas lideranças junto aos círculos do poder, a função social e ideológica do comitê para a comunidade étnica alemã no Brasil.

Palavras chave: Pós-guerra; Imigração; Ajuda humanitária; Brasil-Alemaha; Século xx.

Abstract: This article analyzes the performance of the humanitarian aid organization called the Committee for Relief to the Hungry Europe, SEF, in the Brazilian context and internationally between the years 1946 and 1949. The analysis shows the importance of the aid agencies role for the reconstruction of Germany's post-war in Brazil, it identifies the political and ideological motivations that caused the elites of the German ethnic group in the country to mobilize in favor of Germany as well as it highlights its role in the creation and articulation of the committee. The article identifies the difficulties faced by the Committee for Relief to the Hungry in the shipment of humanitarian aid to Europe, especially to Germany, as well as the social groups that have taken part in the collections, the articulation strategies of their leadership along with the power circles, the social and ideological function of the committee for the ethnic German community in Brazil.

Keywords: Post-war; Immigration; Humanitarian Aid; Brazil-Germany; 20th Century.

Introdução

Durante a Segunda Guerra Mundial, e nos anos subsequentes, a população civil da Alemanha enfrentou não só destruição e carência material, mas conviveu com os enormes problemas de fome, vestuário, saúde e habitação causados pela chegada de refugiados alemães procedentes das antigas áreas de ocupação do Leste Europeu. Estes fugiram de seus territórios por causa do avanço e do medo provocados pela ocupação das tropas da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O aprisionamento de homens,

mulheres e crianças, estupros, mortes por fuzilamento, roubos e confiscos de propriedades, humilhações, vingança, barbáries perpetradas pelas tropas russas, fizeram parte do cotidiano daqueles que não fugiram para a Alemanha e se abrigaram em seu território.

Para amenizar estes problemas, e alimentar as populações famintas refugiadas ou que permaneceram em seus locais de origem, criaram-se, em diversos países, principalmente nos Estados Unidos da América (EUA) e na América Latina, organizações de ajuda humanitária que enviaram alimentos e vestuário para colaborar na reconstrução material da Europa e, em especial, da Alemanha. As principais delas foram a CARE (Cooperative for Assistance and Relief Everywhere), a GRALOG (Council of Relief Agencies for Operation in Germany), a CERA¹, a Coleta de Socorro Pró-Vítimas da Guerra (de iniciativa do Vaticano) e, na América Latina, tivemos a atuação do Comitê de Damas Alemanas Cruz Roja Argentina, que se preocupou em fomentar a ajuda humanitária para a Alemanha.² No Brasil, além da atuação da Cruz Vermelha Brasileira, havia o Comitê de Socorro à Europa Faminta (SEF), também conhecido, em meio aos imigrantes alemães e seus descendentes, como *Deutschland Hilfe*.

O impacto da ajuda humanitária no cotidiano da população contemplada pelas doações enviadas pelos países na reconstrução material europeia; a mobilização dos diferentes grupos e segmentos sociais em prol das vítimas da guerra; os objetivos políticos, sociais, econômicos e culturais da criação de organizações de ajuda humanitária do pós-guerra, bem como os desafios e problemas enfrentados pelas mesmas para mobilizar-se para reconstruir a Europa e a Alemanha, ainda não foram plenamente pesquisados e aprofundados pelos historiadores. A existência de fontes documentais inéditas, tanto impressas quanto escritas e, principalmente, de documentação burocrática produzida nos países e nas organizações de ajuda humanitária, e que está escondida nos acervos, arquivos e museus, necessita ser profundamente pesquisada a fim de enriquecer nosso conhecimento histórico a respeito deste período ainda pouco estudado na História do Brasil e da América.

Este artigo aborda a criação e funcionamento da organização de ajuda humanitária denominada de Comitê de Socorro à Europa Faminta – SEF, criada por imigrantes alemães e seus descendentes, e que atuou nas áreas de colonização das regiões sul e sudeste do Brasil entre os anos de 1946 e 1949. Esta organização de ajuda humanitária não só colaborou com a sobrevivência das vítimas alemãs da Segunda Guerra Mundial, mas também serviu de instrumento de rearticulação das elites do grupo étnico alemão no Brasil do pós-guerra. Estas elites, que sempre agiram nos campos político, econômico, social e cultural do país, sofreram um revés durante o Estado Novo dirigido pelo Presidente Getúlio Vargas, um processo de desarticulação provocado pela Campanha de Nacionalização. Estas elites buscaram, através da ação de suas lideranças, resgatar, instigar e fomentar, por meio do resgate do discurso germanista no pós-guerra, o retorno à preservação dos usos, costumes e valores da etnia alemã no Brasil.

Para compreender a criação do Comitê de Socorro à Europa Faminta, seus desafios e os problemas enfrentados para atuar dentro de condições históricas muito específicas, fizemos uso de diversas fontes documentais encontradas em diversos arquivos brasileiros

1 A CERA é um organismo interconfessional. Atuou com a Caritas Alemã, a Evangelisches Hilfsdienst, a Caritas suíça, a Caritas sueca, o Bureau Intermediaire in Genf, a Christliche Nothilfe/Luzern. A Igreja católica quis encampar a organização na Catholic Welfare Conference. Acervo Benno Mentz, Carta da CERA a Pe. Balduino Rambo, 21/09/1946.

2 Acervo Benno Mentz, Carta do Comitê de Damas Alemanas Cruz Roja Argentina/D. Isabel C.H. Campo a Pe. Balduino Rambo, sem data.

como: o Acervo Benno Mentz (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre), que guarda a documentação burocrática do comitê trocada entre suas lideranças e as autoridades públicas brasileiras e estrangeiras, bem como as cartas de agradecimento enviadas pelas vítimas alemãs contempladas com as doações; o Núcleo de Estudos Teuto-Brasileiros (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo), que guarda importantes periódicos em língua portuguesa e alemã publicados pelas Igrejas Católica e Luterana no Brasil, ambas apoiadoras do comitê; assim como o Arquivo Histórico da Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, São Leopoldo), que guarda a documentação do Sínodo Luterano Rio-Grandense.

As fontes documentais, principalmente as cartas de agradecimento enviadas pelas vítimas alemãs aos seus doadores no Brasil, guardam uma memória histórica da Segunda Guerra Mundial que mostra as reais dimensões do impacto da guerra no cotidiano da população civil alemã. Elas revelam não só o olhar que os vencidos tinham sobre a realidade do pós-guerra, mas trazem à tona outra perspectiva de abordagem histórica do conflito e do período de ocupação militar que se seguiu à derrota da Alemanha.

Trata-se, portanto, de contrapor à História Oficial uma “Outra História”, de dar voz aos “vencidos da guerra”, de trazer à luz da História os relatos de uma geração silenciada pelos vencedores da guerra. Queremos reconstruir historicamente o funcionamento institucional do comitê no cenário político regional, nacional e internacional; perceber as estratégias utilizadas para atingir os seus objetivos, bem como as redes sociais e personalidades políticas mobilizadas em prol das vítimas alemãs da Segunda Guerra Mundial, dos interesses da etnia alemã no Brasil e do Governo Brasileiro do pós-guerra.

Vamos discutir e evidenciar, implícita e explicitamente, as articulações, motivações ideológicas e interesses pessoais das lideranças do comitê na sua criação e funcionamento; assim como examinar as dificuldades de sua atuação em meio ao grupo étnico alemão no Brasil. Estudaremos as relações estabelecidas entre o Comitê de Socorro à Europa Faminta e outros organismos de ajuda humanitária da América Latina e do Norte para perceber as consequências de sua ação em prol do desenvolvimento econômico da Europa e, em especial, da Alemanha do pós-guerra. Consequentemente, buscamos compreender a existência desta organização de ajuda humanitária dentro de um contexto histórico específico.

Surgimento e funcionamento do Comitê de Socorro à Europa Faminta

O Comitê de Socorro à Europa Faminta surgiu da mobilização de lideranças representativas de diversos segmentos sociais pertencentes ao grupo étnico alemão no Brasil, dentre os quais citamos as figuras dos padres jesuítas Balduino Rambo e Henrique Pauquet, seus principais articuladores. O comitê atuou no contexto urbano e rural das colônias alemãs do Brasil e inseriu o país no quadro das nações que colaboraram na reconstrução material da Alemanha arrasada pela Segunda Guerra Mundial. A criação desta organização de ajuda humanitária deve ser vista à luz das políticas de desenvolvimento econômico e social implementadas pelos Estados Unidos (EUA) na Europa do pós-guerra. Seu funcionamento não foi autorizado pelo governo por simples questões humanitárias, pois a Alemanha ainda era considerada inimiga de guerra.³ Sua ação estava

3 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Anton Kordt, 06/04/1947.

inserida em um quadro maior de comprometimento do Brasil com os EUA e de disputa ideológica entre os EUA e a URSS.

O comitê ligava-se a dois organismos eclesiais: a Caritas, da Igreja Católica, e a Evangelisches Hilfswerk (Obra de Socorro Evangélica), da Igreja Luterana Alemã. Foi organizado por representantes do grupo étnico alemão no Brasil. O comitê constituiu-se, para as elites deste grupo e, em especial, para Pe. Rambo, portador de um discurso germanista bastante disseminado em meio às colônias alemãs, numa possibilidade de rearticulação de suas lideranças internas a fim de reocuparem o espaço político, social e cultural do qual foram alijados pela ditadura de Getúlio Vargas. Personalidades de prestígio junto aos imigrantes alemães e à sociedade brasileira mobilizaram o Brasil para colaborar com a reconstrução material da Alemanha, bem como com a reconstrução dos laços culturais e de solidariedade étnica que haviam sido rompidos.

O comitê atendeu o apelo do dirigente da Caritas Sueca, Pe. Augusto Adelpkamp, que solicitou a mobilização dos alemães no Brasil em prol das vítimas do pós-guerra. Em abril de 1946, Pe. Pauquet e Pe. Rambo pediram ajuda dos imigrantes e de seus descendentes no Brasil para minorar as dificuldades materiais dos alemães. Ambos eram professores no Colégio Anchieta de Porto Alegre. A escolha destes nomes deve-se a seu elevado prestígio junto às colônias alemãs, onde desenvolveram significativo trabalho em prol da colonização e da organização dos imigrantes e de seus descendentes (Torrales 1990: 4).

O comitê foi um organismo de socorro sem fins lucrativos, de caráter pessoal e privado e trabalhou para os refugiados, famintos e miseráveis anônimos vítimas da Segunda Guerra Mundial.⁴ Apesar de designar-se *Comitê de Socorro à Europa Faminta*, suas atividades restringiam-se à solidariedade material aos alemães e austríacos. A ajuda humanitária partiu do porto de Rio Grande, no sul do Brasil, para a Europa, sendo coletada nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro.⁵

O papel do clero, dos leigos e de autoridades públicas foi fundamental para o sucesso das atividades do comitê no Brasil. A diretoria era composta por Pe. Pauquet (Diretor), Pe. Rambo (Secretário), Pastor Ernesto Schlieper (delegado do Sínodo Luterano Rio-Grandense), Pastor Paulo Evers (delegado do Sínodo Luterano Missouri), J. Fernando Coutinho, Friedel Edmunds (jornalista da Sociedade União Popular) e Willy Siegmann (tesoureiro, proprietário da Gráfica e Tipografia Mercantil). A diretoria sofreu modificações com a saída de J. F. Coutinho durante os primeiros meses de sua atuação, assim como com a morte de seu tesoureiro, Willy Siegmann, que foi substituído por seu filho Edgar Siegmann e H. Stackelberg (Rabuske 1986: 145-167).

A ação ecumênica do comitê foi muito importante para seu sucesso. A participação dos luteranos foi sugerida pelos jesuítas sem, no entanto, abrir mão da premência católica na liderança do comitê. A criação do comitê foi o primeiro trabalho relevante entre católicos e protestantes no contexto das colônias rurais e dos centros urbanos do Brasil, onde residiam os alemães e seus descendentes. Os protestantes foram representados pelos pastores luteranos Ernesto Schlieper e Paulo Evers a partir de junho de 1947 (Rabuske 1986: 145-167).

Também houve lideranças leigas no comitê. Entre seus principais representantes citamos o empresário e comerciante Willy Siegmann e o jornalista Friedel Edmunds.

4 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Konder, 08/05/1946.

5 Acervo Benno Mentz, Relatório Final da SEF.

Willy Siegmann atuou de forma ativa no comitê e dedicou a maior parte do tempo a percorrer o país para arrecadar donativos e resolver as questões financeiras do mesmo. Seu contato com descendentes de alemães e *Reichsdeutsche*⁶ em Porto Alegre abriu portas para o comitê resolvendo, inclusive, problemas de embarque de doações à Europa junto às autoridades públicas brasileiras (Fausel 1950: 100). Friedel Edmunds era jornalista na revista *Sankt Paulusblatt*, publicada pela Sociedade União Popular, na qual Pe. Rambo também atuava. Segundo Rabuske, Edmunds era muito capaz, mas tinha uma personalidade muito difícil, o que gerou atritos com Pe. Pauquet e Willy Siegmann que necessitaram da mediação de Pe. Rambo.⁷

O Comitê de Socorro à Europa Faminta compunha-se de alemães do Império e descendentes de imigrantes alemães no Brasil. A maior parte conhecia a Alemanha, já haviam estado no país e tinha laços culturais com a mesma. A diretoria era composta de indivíduos ativos no grupo étnico alemão, com papéis de liderança junto às comunidades eclesiais, no campo comercial, empresarial e da imprensa. A configuração plural do comitê foi importante porque mobilizou diferentes segmentos sociais do grupo étnico alemão que tinham influência significativa junto aos círculos sociais mais representativos da sociedade brasileira e que colaboraram com o comitê.

As diferenças confessionais entre católicos e luteranos foram, inicialmente, um obstáculo para o trabalho conjunto. Os luteranos impuseram condições para participar do comitê. Seus doadores temiam o confisco das doações pelas autoridades inglesas quando remetidas à Alemanha, assim como de que a maior parte das doações caísse nas mãos de católicos que poderiam usá-las como um meio de propaganda de Contra-Reforma.⁸ O Sínodo Rio-Grandense teve uma postura cuidadosa em relação a sua participação no comitê. Cogitou, inclusive, em promover uma organização de socorro própria. Exigiu dos católicos a nomeação de representantes do Sínodo para integrar a diretoria e que as doações fossem divididas pela confissão dos destinatários. Estas propostas não foram inicialmente aceitas pelos jesuítas. Pe. Rambo via as doações como uma doação de alemães, e não de católicos ou protestantes. Rambo tinha a preocupação de que as diferenças confessionais causassem uma divisão no comitê. Entretanto, acreditava que os problemas confessionais seriam superados por uma germanidade forte.⁹

Pressões de luteranos que tinham significativo papel econômico no grupo étnico alemão de Porto Alegre em torno de Willy Siegmann, tesoureiro, levaram Pe. Rambo e Pe. Pauquet a reconsiderar a questão, visto que a dispersão poderia coibir todas as tentativas de ação conjunta em prol da Alemanha. Apesar dos temores em torno das possibilidades de haver uma dispersão, os jesuítas cederam às pressões dos luteranos, pois houve necessidade de unificar o trabalho do comitê para facilitar o envio das remessas e porque os mesmos eram importantes colaboradores.¹⁰ Houve, após acaloradas discussões, a decisão de distribuir as doações de forma equitativa, por denominação confessional (Rabuske 1986: 145-167)

6 *Reichsdeutsche* ou alemães do Império é a designação utilizada para definir os alemães emigrados da Alemanha para o Brasil até a Segunda Guerra Mundial e que não haviam adquirido a cidadania brasileira apesar de residirem no país.

7 Entrevista do pesquisador com Pe. Arthur Rabuske em 23/07/2003.

8 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp, 28/08/1946.

9 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Jacó Luiz Nebel, 18/08/1946.

10 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen, 25/07/1946.

Os luteranos perceberam que somente a influência dos jesuítas junto às autoridades governamentais garantiria o sucesso do comitê em prol dos alemães. Os protestantes sofreram muito com a Campanha da Nacionalização de Getúlio Vargas e os sínodos luteranos estavam em processo de rearticulação. Além disso, os católicos, através dos jesuítas, tinham maior acesso aos círculos políticos do país. A capacidade de articulação dos jesuítas deu-se por causa de seu estreito contato com influentes políticos que haviam estudado no Seminário Conceição de São Leopoldo, no Colégio Catarinense de Florianópolis, assim como no Colégio Anchieta de Porto Alegre. Estes políticos foram mobilizados a fim de superar as dificuldades impostas à atuação do comitê.¹¹ A Igreja Católica tinha uma profunda relação de aproximação com as camadas dirigentes do Brasil. Desde o início do século xx, e durante o governo de Vargas, a Igreja implantou, através do projeto de Restauração Católica, um vasto sistema educacional que buscou regenerar as instituições e as elites brasileiras aos princípios católicos, já que o povo mantinha o elo que o prendia às raízes religiosas da nacionalidade. Este projeto propunha uma aproximação entre os interesses do Estado Brasileiro e de suas elites aos interesses do catolicismo (Isaia 1998: 149-150).

A formação intelectual de uma elite católica foi, sem sombra de dúvida, tributária da ação educacional dos jesuítas. O Colégio Anchieta formou toda uma geração de leigos profundamente comprometida com os postulados católicos (Isaia 1998: 115) Esta ação educativa se estendeu nas regiões do estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, onde a presença dos jesuítas no campo da educação era muito significativa (Da Silva 2003). A aproximação dos jesuítas com as elites brasileiras e de descendência alemã através da educação possibilitou a articulação desses círculos sociais às necessidades mais urgentes do comitê.

A participação de católicos e luteranos no Comitê de Socorro à Europa Faminta e do mesmo ser dirigido por sacerdotes não implica que as Igrejas Católica e Luterana tivessem ingerência e dirigência nos assuntos da organização. Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal do Rio de Janeiro, autorizou que o comitê tivesse, desde o princípio, um caráter autônomo e privado, e que funcionasse e agisse de forma independente.¹² O trabalho ecumênico com os protestantes luteranos foi aprovado por D. Jaime porque, segundo Pe. Rambo, o Cardeal não considerava os luteranos “perigosos”.¹³ Algumas autoridades católicas temiam o trabalho ecumênico com os protestantes que atuavam no Brasil, principalmente os de caráter missionário, pois estes poderiam usar o comitê como forma de missão evangelizadora.

O caráter independentista da Companhia de Jesus, da qual provinham os jesuítas que idealizaram o comitê, possibilitou o trabalho autônomo longe da ingerência das autoridades eclesiais. As dissidências internas da Igreja Católica, principalmente os conflitos internos da Arquidiocese de Porto Alegre, a qual o Colégio Anchieta era vinculado, fizeram os jesuítas trabalhar à margem da instituição eclesial. Os jesuítas tinham sérios conflitos com o Arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, pois este exercia seu cargo de forma autoritária, exigindo que suas políticas de adesão ao Estado Varguista fossem seguidas à risca. Sua ligação com grupos políticos, sociais e econômicos representativos

11 Acervo Benno Mentz, Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Rambo, 13/06/1946.

12 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo ao Cônego Vigário Albino Juchem, 23/07/1946.

13 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Hagedorn/RJ, 16/07/1946.

da sociedade luso-brasileira fez com que fosse visto “como uma figura essencialmente ‘pontifical’, ora como simplesmente ‘elitista’, não faltando críticas a sua ação pastoral por parte de alguns membros do clero e laicato, que o julgavam demasiadamente preso à elite e ao governo” (Isaia 1998: 51).

O relacionamento de Pe. Rambo com o Arcebispo de Porto Alegre D. João Becker foi muito tumultuado. D. João Becker defendia a nacionalização forçada dos imigrantes alemães, atitude profundamente repudiada por Pe. Rambo (Rambo 1984: 197 s.). Os imigrantes alemães acusavam D. João Becker de ser um “traidor”. Havia um mal-estar entre o Arcebispo e a colônia alemã durante a Segunda Guerra Mundial, pois Becker agiu em consonância com o poder público, baixando normas de nacionalização do clero católico e das escolas católicas, além de proibir a pregação e preces em idioma alemão, bem como as homenagens às nações estrangeiras. O Arcebispo também não aceitava o caráter independentista da Companhia de Jesus nas áreas da educação como os colégios, universidades, casas de formação, casas de retiros, etc. (Rambo 1998: 230).

Já o Vaticano teve, no princípio, uma atitude de indiferença em relação ao Comitê de Socorro à Europa Faminta. O Papa Pio XII criou sua própria Coleta de Socorro Pró-Vítimas da Guerra que visava às crianças alemãs órfãs da Segunda Guerra Mundial, desprovidas de habitação, roupa, alimentação e do afeto insubstituível do lar paterno. Esta organização buscou amenizar a imagem de neutralidade que o Vaticano teve durante a guerra, pois Pio XII poucas vezes repudiou publicamente as perseguições nazistas aos judeus. As doações vinham da América do Sul, principalmente do Chile e da Argentina. A Pontifícia Comissão de Assistência às Vítimas de Guerra também queria fundar 200 colônias para abrigar 500.000 crianças.¹⁴

As autorizações da hierarquia eclesial católica foram importantes para o comitê agir com mais liberdade e desenvoltura junto às comunidades católicas e à população em geral. A diplomacia foi um elemento imprescindível na articulação dos jesuítas junto às autoridades católicas. Neste sentido, os protestantes tinham menos dificuldades junto às suas autoridades luteranas, pois sua organização eclesial não seguia uma rígida estrutura hierárquica que exigisse um apego à diplomacia a fim de se garantir de eventuais problemas que viessem a enfrentar.¹⁵

As autorizações dadas pela Cúria preservaram o caráter independentista do comitê, mas não contribuíram para uma aproximação efetiva da hierarquia católica às suas iniciativas. Houve um empenho discreto das autoridades eclesiais na ação do comitê. Muitas mantiveram uma postura de distanciamento em relação a ele. As autoridades eclesiais estimularam a participação dos clérigos na organização de socorro pontifical e só agiram em prol do comitê quando Pe. Rambo solicitava sua ajuda. Por outro lado, agiram contra o mesmo quando sentiam que ele ameaçava o sucesso da obra pontifical (Fernandes 2005: 80).

As lideranças do Comitê de Socorro à Europa Faminta superaram muitas dificuldades para atuar num contexto brasileiro ainda fortemente marcado pelos ressentimentos provocados pela guerra. O comitê foi um dos organismos de ajuda humanitária que surgiram no Brasil. Houve outros, de caráter comercial, que enviavam pacotes de ajuda privada de imigrantes alemães e seus descendentes para familiares que residiam na Europa e necessitavam de ajuda material. A atuação do comitê no Brasil não quis fazer concorrência com

14 *Revista Unitas: Boletim da Província Eclesiástica de Porto Alegre*, Outubro-Dezembro de 1946, p. 141.

15 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Roberto Bramsiepe a Pe. Balduino Rambo, 21/06/1946.

estas empresas. Algumas trabalharam em conjunto com o mesmo. Entretanto, o trabalho conjunto sempre preservou o caráter autônomo do comitê.¹⁶

O nome de Comitê de Socorro para a Europa Faminta foi criado com o intuito de desmobilizar as desconfianças das autoridades inglesas e brasileiras, assim como da sociedade brasileira. A proposta de designar o comitê de Socorro à Alemanha foi rejeitada pelas suas lideranças, pois o nome poderia gerar uma série de problemas que prejudicariam sua ação.¹⁷ Os ressentimentos provocados pela guerra ainda ecoavam na sociedade brasileira e internacional.

O comitê propôs-se a ajudar materialmente as vítimas da guerra por meio da coleta de dinheiro e da compra de mercadorias enviadas para a Alemanha até que as atividades comerciais do país se normalizassem. Não havia sentido em enviar dinheiro, pois o que faltava eram mercadorias para o consumo da população. O comitê arrecadava e comprava alimentos, medicamentos, tecidos, couro, roupas e calçados usados, produtos de armário, sementes, etc. As mercadorias, depois de empacotadas, armazenadas e encaixotadas, seguiam de Porto Alegre para o porto de Rio Grande e, de lá, para o porto de Göteborg, na Suécia. Dali eram remetidas pela Caritas Sueca à cidade de Lübeck, Alemanha, para a Caritas Alemã local dirigida pelo Pe. Franz Josef Diedrich.¹⁸ As mercadorias passavam pela fiscalização alfandegária e, posteriormente, eram divididas entre a Obra de Socorro Evangélica (Evangelisches Hilfswerk), com sede em Hamburgo, e a Caritas Alemã que se responsabilizavam pela entrega das doações.¹⁹

Os navios responsáveis pelas remessas pertenciam às agências suecas e brasileiras, como a empresa marítima Nordstjernan e o Lloyd Brasileiro. O comitê organizou, entre 1946 e 1949, dez remessas de ajuda humanitária para a Alemanha, além de duas remessas intermediárias e algumas remessas pequenas dos portos do Rio de Janeiro e Santos. Enviaram-se, durante os três anos de atuação, em torno de 4.200 toneladas de alimentos e roupas (Torrales 1990: 4). A ajuda enviada era restrita à coletividade, com remessas de mercadorias em grande quantidade, em pacotes individuais de até 5 Kg, organizados no Brasil ou pelas instituições eclesiais na Alemanha e, posteriormente, distribuídas às vítimas da guerra. No início não havia possibilidade das pessoas em ajudar seus familiares através de remessas individuais e privadas. Esta forma de ajuda material não era admitida pelos ingleses.²⁰ Ela só podia ser realizada, até outubro de 1946, através de firmas comerciais.

Listas de doadores circularam em meio às comunidades católicas e luteranas alemãs, bem como em meio ao comércio e à indústria. Nelas, as pessoas doavam voluntariamente qualquer valor. As primeiras contribuições no Rio Grande do Sul foram realizadas pela Firma Renner, através de seu proprietário Anton Jacob Renner.²¹ Sua empresa forneceu mercadorias armazenadas e despachadas, até março de 1947, nos depósitos da Firma

16 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Jacob Nebel/Braço do Norte/Tubarão, 09/06/1946.

17 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Dom. Thomas Keller, Mosteiro de São Bento, 29/09/1946.

18 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a R. P. Provincial, 13/06/1947.

19 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Baduino Rambo a Schwester Betha Whele OSB, Ginásio Santa Escolástica/Sorocaba/SP, 05/05/1947.

20 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo Antônio Köhler, St. Cruz/RS, 29/09/1946.

21 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Madre Boaventura. Colégio Sagrado Coração de Jesus/Florianópolis, 21/12/1946.

Dreher & Cia, que foram disponibilizados gratuitamente por seu proprietário. Os pacotes “standard”, já confeccionados e prontos para a remessa, eram adquiridos pelos doadores nas lojas Renner e doados ao comitê. Este emitia recibos de contribuição usados pelas pessoas jurídicas para abater o valor no imposto de renda. No Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, os recibos eram aceitos pelas autoridades locais.²²

As áreas coloniais não foram atingidas de imediato. No princípio, não havia intenção de interferir em coletas de ordem eclesiástica e particular das comunidades católicas.²³ As colônias também foram atingidas pela crise econômica do pós-guerra e pela seca que atingiu o Rio Grande do Sul, assim como pelas dificuldades de escoamento da produção colonial para as áreas de consumo urbano, o que dificultava o acúmulo de capital pelos colonos (Faraco 1946: 4).

A primeira coleta de dinheiro ocorreu nas cidades de Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo e Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul (Rambo 1947: 52-54). A segunda coleta atingiu os estados de Santa Catarina e Paraná. Coletas posteriores foram realizadas, a partir de junho de 1947, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. O comitê mobilizou grupos sociais urbanos e expandiu-se, posteriormente, pelas regiões rurais. Os responsáveis pela coleta eram o Pe. Pauquet, P. Schlieper, P. Evers e o comerciante Willy Siegmann, que se revezavam nas viagens pelas regiões onde residiam imigrantes e seus descendentes.²⁴

As autoridades governamentais concederam facilidades para o comitê determinando isenção de formalidades legais, taxas portuárias e de exportação, assim como gratuidade para o envio de mercadorias pelas ferrovias das regiões coloniais para Porto Alegre, onde eram embarcadas em chatas com destino ao porto de Rio Grande. O comitê enfrentou problemas com as autoridades nacionais e internacionais, pois precisou negociar o transporte marítimo, as autorizações de despacho e o salvo conduto com os ingleses, que exigiam a expedição de uma autorização, chamada de *navicert*, para que os navios navegassem pelo Oceano Atlântico com ajuda humanitária para a Europa.²⁵ A primeira remessa, que consistia de 91.645 toneladas, foi enviada pelo navio Margaret Johnson, 06/06/46, e chegou a Suécia em 08/07/46. Esta remessa foi enviada para a Caritas e distribuída sem distinção confessional às vítimas alemãs nas cidades de Lübeck, Bremen, Kiel, Essen, Bielefeld, Paderborn, Münster, Köln, Wesel, Xanten e Kleve.²⁶

Desde o início houve pedidos para o comitê enviar pacotes privados para familiares de descendentes de alemães do Brasil para a Alemanha. A Inglaterra somente admitia tal iniciativa por meio da Cruz Vermelha ou de empresas comerciais. Em reunião realizada na Sociedade Ginástica de Porto Alegre, ocorrida em 22/08/46, decidiu-se que o comitê assumiria esta tarefa somente em conexão com a ajuda coletiva, pois não se queria tornar infiel para com sua principal tarefa, que era a ajuda às vítimas anônimas da guerra.²⁷

As autorizações para a remessa de pacotes privados foi difícil de ser obtida junto ao governo brasileiro e aos países que ocupavam a Alemanha. Obtê-las exigiu a interferência

22 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo para Knorr & Cia. Ltda., Panambi, 04/04/1948.

23 *Revista Unitas: Boletim da Arquidiocese de Porto Alegre*, Outubro-Dezembro de 1948, pp. 225-230.

24 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a August Adelkamp, 26/10/1947.

25 Acervo Benno Mentz, Relatório Final da SEF.

26 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Jacó Nebel, 16/10/1946.

27 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Madre Boaventura/Colégio Sagrado Coração de Jesus/Florianópolis, 25/03/1947.

de diversas autoridades públicas. Para superar estas dificuldades a diretoria buscou a equiparação do comitê às demais organizações de ajuda internacional. Somente em outubro de 1946, mais precisamente no dia 20/10/46, a remessa de pacotes privados tornou-se possível, sendo que Pe. Pauquet se dirigiu ao Rio de Janeiro para tratar da questão junto à Cruz Vermelha Nacional. Contudo, foi fixado um limite de envio de 10 pacotes por doador e somente um por destinatário.²⁸

A terceira remessa encerrou os entraves burocráticos do comitê. O serviço de pacotes foi regulamentado e, para cada pacote remetido a um destinatário privado, outro idêntico foi entregue ao destinatário anônimo ou paga uma contribuição de igual valor. Esta decisão trouxe alguns inconvenientes de forma que, a partir da 5ª remessa, os pacotes acompanhantes foram cancelados e uma contribuição fixa de Cr\$ 70,00 foi estipulada.²⁹

Em junho de 1947 o Sínodo Missouri juntou-se ao comitê. Isso fez com que o comitê atingisse o auge de sua atuação através do envio de quatro remessas. No dia 08/07/47, Pe. Pauquet voou para São Paulo, seguido, no dia 10, pelos pastores Evers e Karl Gottschald Jr., que o ajudaram nas coletas da região e do Rio de Janeiro. Em São Paulo, esperava-se arrecadar muito café, tecidos e vestimentas. Os alimentos eram mais baratos no Rio Grande do Sul, pois o comitê já era cliente de grandes firmas. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, o comitê atuou em parceria com empresas comerciais e representações de outra organização de ajuda humanitária como a Christliche Nothilfe, com sede em Zurique, na Suíça.³⁰

O segundo semestre de 1947 contou com uma surpresa para as lideranças do comitê. O Papa Pio XII estendeu sua obra de Socorro Pró-Vítimas da Guerra para a América do Sul e, temporariamente, Pe. Pauquet foi proibido de coletar. Todos os sacerdotes deveriam trabalhar para a obra pontifical. Estas dificuldades mobilizaram as lideranças do comitê que intercederam a Roma para resolver o problema.³¹

O ano de 1948 mostrou um recuo nos resultados das coletas. Pe. Pauquet esteve, desde o fim de fevereiro até 17 de abril, totalmente incapacitado para o trabalho devido à malária. Por outro lado, um esgotamento obrigou o tesoureiro Willy Siegmann a um retiro para o interior por três semanas no fim de junho. Quando a 9ª remessa já estava, em parte, preparada para ser embarcada, faleceu de um derrame, na manhã do dia 08/09/48, Willy Siegmann. Seu cargo no comitê foi ocupado por seu filho Edgar Siegmann e a 9ª remessa pôde ser embarcada no navio “Uruguay”, no dia 29/09/48. Segundo Pe. Rambo, “o melhor homem do comitê estava morto. Contudo, o comitê continua atuante”.³²

No final do ano as possibilidades de coleta do comitê se esgotaram. Após três anos de arrecadação não havia mais regiões inexploradas. Também a entrada de pacotes que, desde o início de 1947 eram entregues à coletividade, sofreu um revés cada vez maior. Para apressar o envio das doações, organizou-se, na Suécia, uma nova sessão para a encomenda de pacotes que consistiam numa variedade de sete tipos de produtos. Entretanto, também não houve grande adesão que mantivesse o trabalho do comitê em prol da coletividade.

No ano de 1948, houve duas remessas, uma em junho e, outra, em setembro. Contudo, houve ainda duas remessas intermediárias embarcadas, a primeira, no dia 12 de dezembro

28 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Margarida Wackes, 01/11/1946.

29 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Anton Kordt/Seminário Central de São Leopoldo, 02/03/1947.

30 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Antônio Köhler/St. Cruz/RS, 29/09/1946.

31 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen, 10/01/1947.

32 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Maria Laveuve/Ijuí, 13/09/1948.

de 1948 no navio “Orinoco” e, a segunda, em junho de 1949, no navio “Columbia”. Desta forma, a última remessa, a de encerramento do comitê, foi programada para a metade de 1949. Para arrecadar fundos e mobilizar, mais uma vez, o grupo étnico alemão, realizou-se, em 31 de abril e 01 de maio, uma grande Festa Popular da Germanidade Porto Alegrense.³³

O Comitê de Socorro à Europa Faminta funcionou com voluntários; somente os guardas dos depósitos e, temporariamente, alguns assistentes, eram pagos. Pessoas de diversos campos de atuação integraram a diretoria e se engajaram onde as circunstâncias exigiram. Surgiram, em todas as médias e grandes cidades até São Paulo, comitês subordinados que remeteram as doações para Porto Alegre sem cobrar pelo trabalho. No sul os depósitos e dependências de empacotamento foram disponibilizados gratuitamente. Em São Paulo havia empresas comerciais trabalhando em conjunto com o comitê, o que acarretou problemas, pois a mão-de-obra e os depósitos não eram gratuitos.³⁴

Grande parte do trabalho pesado, de produção, transporte e descarregamento das caixas, foi feito à noite por colonos nos depósitos do comitê em Porto Alegre. Quando o serviço de pacotes foi incorporado, um grupo de mulheres voluntárias evangélicas providenciou a classificação, empacotamento e contabilidade das doações. Houve só dois funcionários pagos pelo comitê no Colégio Anchieta que recebiam as doações. Aos sábados e domingos, muitas pessoas do comércio, gerentes de fábrica, artesãos, sacerdotes católicos e evangélicos reuniam-se nos depósitos para ajudar na organização e despacho das mercadorias.³⁵

Problemas de atuação do comitê

O Comitê de Socorro à Europa Faminta enfrentou uma série de dificuldades. Houve problemas na regulamentação de suas atividades junto aos governos, dificuldades no trabalho conjunto com a Cruz Vermelha, barreiras eclesiais e internacionais necessitaram ser superadas, dificuldades provocadas pelas divisões internas do grupo étnico alemão e dissidências ocorridas entre os grupos sociais que colaboraram com o comitê. As dificuldades com as autorizações inglesas para o envio de remessas para a Alemanha, assim como os pedidos de reconhecimento do Vaticano, dificultaram a articulação do comitê e necessitaram de muita habilidade diplomática das lideranças para serem superadas.

O comitê tentou expandir seus trabalhos para a Argentina e o Chile. Entretanto, devido à atuação de organizações de assistência local e das diferentes condições ali existentes, estes esforços não obtiveram êxito. O Chile enviava regularmente doações, sendo que, em fevereiro de 1947, a 15ª remessa já estava em andamento. O trabalho foi organizado por um pastor protestante, P. Karle. Na Argentina a situação era diferente e havia somente uma organização, o Comitê de Damas Alemanas Cruz Roja Argentina, cuja presidente era Dona Isabel C. H. Campo. Não havia comitês locais organizados pelo grupo étnico alemão local. Isto preocupou a Caritas que estimulou a fundação de comitês de ajuda à

33 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Maria Laveuve/Ijuí, 13/05/1949.

34 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a P. Fritz Wüstner Joinville/SC, 21/01/1948.

35 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelkamp, 26/10/1947.

Alemanha naquele país através do contato com sacerdotes católicos jesuítas Pe. Benitez, Pe. Harres e Pe. Theodor Baumann.³⁶

As maiores dificuldades enfrentadas pelas organizações alemãs para distribuir as doações eram a precária infraestrutura da Alemanha no pós-guerra. Linhas férreas destruídas, vias fluviais bloqueadas por causa de pontes destruídas, navios e barcos afundados, falta de caminhões disponíveis para fins civis e de combustível, divisão da Alemanha em zonas de ocupação e a vagarosa reorganização do sistema de correios eram problemas frequentes. As dificuldades de distribuição na Alemanha eram maiores que na zona russa. Na região do Saarland, junto à fronteira francesa, a Caritas teve mais dificuldades de enviar donativos para as pessoas. Na França havia problemas na chegada dos pacotes por causa dos roubos.³⁷

A Caritas e o Comitê de Socorro à Europa Faminta encerraram definitivamente sua ação em prol dos alemães em 01/06/1949. Entretanto, como a Alemanha e Áustria ainda não haviam superado as dificuldades econômicas, a Caritas continuou atuando em prol dos refugiados do leste europeu através do Pe. Bernhard Hagedorn, no Rio de Janeiro, que através da Christliche Nothilfe remetia ajuda individual para a Alemanha e tinha parceria com pessoas privadas nos EUA e na Suíça.³⁸

As atividades do comitê no Brasil não ocorreram dentro de um contexto de normalidade política e econômica. Iniciava-se no Brasil um mandato político marcado pela posse do novo Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, e pela nova política econômica que enfrentou os problemas causados pelo esgotamento das reservas cambiais do país. O desabastecimento interno do Brasil no pós-guerra inaugurou um período inflacionário que foi combatido com medidas de restrição das exportações. Estas medidas dificultaram a atuação do comitê e obrigaram a diretoria a buscar apoio junto às autoridades públicas a fim de obter as autorizações de exportação de gêneros de primeira necessidade para a Alemanha. O maior problema do comitê era com relação ao envio das remessas e não à coleta de doações.³⁹

O governo tomou, em abril de 1946, iniciativas para impedir que a população urbana sofresse com o desabastecimento interno e o aumento do custo dos produtos de primeira necessidade. Decretou uma lista de produtos mais importantes e controlou os preços dos alimentos. A fixação de limites para a exportação de alimentos fez o comitê agir com cuidado para evitar ser responsabilizado pelo desabastecimento das regiões nas quais atuava. Muitos produtos comprados e arrecadados como o arroz, feijão, banha, açúcar, óleo, carne, lentilha, vestimentas etc., figuravam na lista do governo.

Em Santa Catarina, colaboradores do comitê aconselharam a diretoria a coletar somente alimentos que sobravam no mercado. Isso evitaria acusações dos comunistas e nacionalistas de que o comitê era responsável pelo desabastecimento interno.⁴⁰ A dificuldade de exportar fez o comitê atuar discretamente na arrecadação de doações financeiras ou em espécie, assim como na compra de mercadorias. Havia restrições em relação à propaganda em jornais comerciais e outros órgãos de imprensa, assim como nos periódicos religiosos.

36 Acervo Benno Mentz, Carta da Caritas a Pe. Balduino Rambo, 05/02/1947.

37 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Johann Müller/Santa Maria/RS, 05/01/1948.

38 Acervo Benno Mentz, Caritasdienst – Liebesgabenpakete, pp. 207-208.

39 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp, 28/08/1946.

40 Acervo Benno Mentz, Carta de Marcos Konder a Pe. Balduino Ramo, 13/06/1946.

A atuação do comitê foi alvo de críticas. Isso aconteceu na imprensa local do Rio Grande do Sul, onde um dos jornais de maior circulação no estado, o *Correio do Povo*, publicou artigos críticos à fundação de comitês locais que arrecadavam doações em prol dos alemães. A criação dos comitês era considerada uma contradição, pois os problemas brasileiros eram suficientemente grandes para que os brasileiros não se ocupassem com a miséria alheia (Vasconcelos 1946: 4).

Os círculos sociais urbanos foram visitados pelas lideranças do comitê ou por seus representantes locais legais que realizavam as coletas em espécie ou dinheiro. Nas comunidades católicas e luteranas os doadores eram atingidos através de panfletos e de comunicados impressos em Língua Alemã e dirigidos somente aos círculos alemães. Esta propaganda era impressa gratuitamente pelo tesoureiro Willy Siegmann, na Gráfica e Tipografia Mercantil.⁴¹

O principal folhetim de propaganda do comitê foi o *Procissão da Miséria*, publicado em Língua Portuguesa e Alemã. Para sensibilizar os doadores utilizavam-se fotografias mostrando a miséria na Alemanha. Recorreu-se a representações de gênero, no qual a figura da mulher, simbolizando a mãe, representava a Alemanha violentada pela invasão dos Aliados e que, no pós-guerra, necessitava de ajuda para cuidar de seus filhos. Esta forma de propaganda era eficiente porque no contexto do grupo étnico alemão o sentido de nacionalidade se constituía, em parte, com base em representações do feminino. No ideário germanista, a figura feminina tinha um importante papel no cultivo da germanidade e no despertar da consciência étnico-nacional, sendo constantemente representada como a mãe do povo ou da nação (Meyer 2000: 79).

O fato de alguns dos integrantes serem cidadãos alemães fez o comitê enfrentar problemas com a remessa de dinheiro para exterior. Esta era regulamentada pela lei e só os brasileiros natos podiam realizar esta operação. Apesar de Willy Siegmann ser o tesoureiro, somente Pe. Rambo movimentava o dinheiro doado nas contas do Banco do Brasil, pois os demais membros da diretoria eram alemães do Reino. Mesmo os políticos e funcionários públicos amenizando os trâmites burocráticos enfrentados pelo comitê, a situação crítica do abastecimento interno não arrefeceu as exigências feitas pelas autoridades fiscais para a exportação de gêneros de primeira necessidade. Para driblar este problema, alguns pedidos para a liberação de produtos, que não constavam nas listas autorizadas pelo governo, eram feitos diretamente aos ministros.⁴²

As atividades do comitê sofreram influência das mudanças políticas internacionais, nacionais, estaduais e locais. A vitória das “forças democráticas” sobre o nazifascismo acabou resultando no fim da ditadura de Getúlio Vargas no Brasil. Em 1947, houve eleições para governador e representantes para as constituintes estaduais, que deveriam adaptar a estrutura institucional aos novos tempos. As eleições de 1946 e 1947 tiveram consequências positivas para o comitê, pois o grupo étnico alemão era um “curral eleitoral” em potencial. Isso fez as autoridades públicas tolerarem a atuação do comitê, pois candidatos luso-brasileiros disputavam os votos destes eleitores e, alguns deles, assumiram a liderança dos comitês para agradar aos imigrantes alemães e seus descendentes.⁴³

41 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Irmã Betha Wehle OSB Ginásio St. Escolástica/Sorocaba/SP, 27/06/1947.

42 Acervo Benno Mentz, Carta de SEF a Dr. Gastão Vidigal Ministro da Fazenda/RJ, sem data.

43 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Franz Mauermann S.J./Pareci Novo/RS, 11/09/1946.

Fato é que a aproximação das eleições gerais inibiu a ação fiscal do governo e tornou as autoridades públicas mais receptivas aos apelos do comitê para a liberalização das exportações para a Alemanha. Por outro lado, o Brasil assumiu o compromisso com os EUA de colaborar com a reconstrução política e econômica da Europa. Isso fez com que, apesar de proibir a exportação de alimentos, o Presidente Eurico Gaspar Dutra autorizasse seu envio para o exterior. Entretanto, as lideranças do comitê mantiveram discrição em relação à ajuda presidencial, a fim de evitar transtornos políticos para o comitê e o Presidente.⁴⁴

A ação autônoma do comitê nos três primeiros meses invadiu o terreno de atuação da Cruz Vermelha Brasileira. As restrições inglesas à ajuda privada aos alemães, assim como a limitação das remessas a um máximo de 150 toneladas, colocou o comitê, por se tratar de uma obra de ajuda coletiva, em vantagem frente a este organismo de ajuda internacional. A Cruz Vermelha Brasileira teve problemas para remeter sua ajuda privada para a Europa porque esta não atendia à miséria comum. Enquanto que o comitê, até agosto de 1946, havia feito duas remessas coletivas, a Cruz Vermelha ainda estava com os pacotes privados armazenados em seus depósitos. A atuação do comitê despertou a atenção da Cruz Vermelha, considerado o único organismo legal para efetuar coletas de ajuda humanitária.

Até agosto de 1946, a ação da Cruz Vermelha Brasileira era observada à distância por Pe. Rambo. Entretanto, o perigo de haver atritos fez com que se aproximasse daquele organismo internacional. Para que o comitê agisse de forma legal e sem inibir a atuação da Cruz Vermelha, a diretoria reuniu-se com a Presidente da Cruz Vermelha do Rio Grande do Sul, Sra. Odila Gay da Fonseca, para tratar da ação conjunta de sua organização com o comitê. A presidente demonstrou, em encontro intermediado pelo Tenente Coronel Guilherme Gaelzer Netto, preocupação com a ação isolada do comitê. Isso demonstra a iminência de conflitos entre os dois organismos, caso o comitê não tivesse contatado a Cruz Vermelha.⁴⁵

A atuação conjunta esbarrou em questões burocráticas. De um lado, o comitê preocupou-se em manter sua autonomia, ou seja, não sujeitar-se à Cruz Vermelha. De outro, havia a questão dos custos financeiros gerados pelas remessas da Cruz Vermelha. Na reunião com as damas da Cruz Vermelha, decidiu-se que o comitê se responsabilizaria pelo transporte, em seus navios, das doações da entidade; contanto que a organização assumisse os custos de envio de suas remessas.⁴⁶ A nomeação de Pe. Pauquet como delegado e representante da Cruz Vermelha facilitou ainda mais a atuação do comitê no contexto brasileiro.

O trabalho conjunto entre o comitê e a Cruz Vermelha fez ambos buscar uma solução para o envio de pacotes privados que, até outubro de 1946, ainda estava proibido. A resolução do governo inglês de autorizar a 3ª remessa foi possível após uma viagem do Presidente da Cruz Vermelha Brasileira Nacional, General Ivo Soares, à Europa, mais especificamente à Suécia. Nela, o General Ivo Soares reuniu-se com Pe. Adelpkamp, representante da Caritas Sueca, a fim de decidir as medidas a serem tomadas junto às representações diplomáticas do Brasil e da Inglaterra.⁴⁷

44 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Nikolaus Kampf, 23/09/1946.

45 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Roberto Bramsiepe/Brusque/SC, 23/08/1946.

46 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a R. P. Jorge Steiger SJ/Cristo Rei/SL, 07/11/1946.

47 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp, 27/10/1946.

A 3ª remessa, a primeira tentativa de envio de pacotes privados para a Alemanha, foi difícil de ser liberada pelas autoridades brasileiras e inglesas. Os ingleses negavam a autorização afirmando que elas haviam sido retiradas para todas as nações e, o Ministro Sabóia de Lima, do Conselho Federal de Comércio Exterior, considerava os representantes do comitê “ladrões internacionais”.⁴⁸ Isso fez o comitê apelar às autoridades católicas para superar as dificuldades em obter as respectivas autorizações daquele órgão governamental. Apesar do caráter autônomo do comitê, o Cardeal do Rio, D. Jaime de Barros Câmara, intermediou o contato junto às autoridades brasileiras.

O comitê solicitou a interferência da diplomacia do Vaticano para os ingleses liberarem o envio de pacotes privados para os repatriados e as crianças órfãs. Entretanto, Pe. Rambo não acreditava no poder internacional do Vaticano, pois até agosto de 1946, tudo havia sido feito pela iniciativa privada. Contudo, apesar do pessimismo de Pe. Rambo, após seis semanas de tratativas com os ingleses e funcionários públicos, o Vaticano interferiu junto ao Presidente Eurico Gaspar Dutra que salvou a remessa de Natal, conseguindo sua liberação. Colaboraram na luta pela liberação da 3ª remessa: o interventor do estado do Rio Grande do Sul, Cilon Rosa; o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara; o Papa Pio XII; o Presidente Eurico Gaspar Dutra; o Ten. Cel. Guilherme Gaelzer Netto e o Deputado Federal Arthur Fischer.⁴⁹

O comitê também enfrentou problemas com as empresas comerciais parceiras como as firmas Detlev Ludewig e Auxílio para a Europa, que se localizavam em São Paulo. Estas forneciam e recebiam pacotes em nome do comitê, cobrando uma margem de lucro sobre a transação. A firma Auxílio para Europa, de propriedade de Walter Berger, era uma dissidência da firma de Detlev Ludewig.⁵⁰ Ambos trabalharam juntos e, atritos internos, fizeram com que o primeiro atuasse de forma autônoma, criando outra empresa comercial de remessa de pacotes. A diretoria do comitê teve de lidar com os atritos que havia entre seus proprietários.

A parceria do comitê com empresas comerciais foi um problema do ponto de vista burocrático e também prejudicou sua ação. Houve acusações de que as empresas só queriam “fazer lucro” e solicitações para que o envio de pacotes se tornasse mais barato. As altas taxas cobradas pelas empresas fizeram o comitê cair em descrédito e, a falta de responsabilidade no trato com os pacotes, fez alguns se perderem durante o transporte. Isso deu origem a queixas a respeito da atuação do comitê e pedidos de restituição de valores pagos ou pacotes perdidos. Pe. Rambo chegou a desaconselhar os colaboradores a recorrerem às agências privadas de ajuda, pois muitas não garantiam a chegada dos pacotes, principalmente, as agências norte-americanas.⁵¹

A atuação interconfessional, apesar dos conflitos iniciais, foi aceita pelas autoridades eclesiais. No princípio, a Igreja Católica admitiu a ação dos padres jesuítas no comitê de forma autônoma, mantendo o seu caráter de independência. Entretanto, com o decorrer do tempo, procurou cooptá-lo para trabalhar para a obra papal. Ao solicitar apoio do Vaticano às iniciativas do comitê e da Cruz Vermelha junto às autoridades brasileiras,

48 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp, 28/08/1946.

49 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Fr. Albano Berwanger/Colégio Cristo Rei/SL, 13/10/1946.

50 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Detlev Ludewig Expedição de donativos à Europa Central. Encomendas de Pacotes de Auxílio, 09/03/1947.

51 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo, sem destinatário, 20/09/1946.

Roma respondeu à diretoria de que esta dirigisse seu pedido diretamente ao Papa através de seus bispos, pois Pio XII gostava de saber com o que os mesmos estavam envolvidos. A união do comitê com a obra papal facilitaria o apoio do Sumo Pontífice. Entretanto, a diretoria colocou-se contra qualquer tentativa de incorporação à obra papal procurando manter a sua autonomia.⁵²

As relações do comitê e do Vaticano sofreram um abalo a partir da segunda metade do ano de 1947, quando o Núncio Apostólico do Rio de Janeiro, D. Carlo Chiarlo, proibiu o trabalho dos clérigos católicos em todas as obras assistenciais que não fossem as do Papa. Pe. Pauquet foi proibido de participar nas coletas do comitê sem a autorização do Núncio ou de Roma. O caráter interconfessional ameaçado fez a diretoria do comitê resistir às pressões do Vaticano para incorporar-se à obra pontifical ou trabalhar com ela.⁵³

As lideranças do comitê mobilizaram-se para que os padres continuassem seu trabalho. Pe. Rambo recorreu ao Pe. Provincial Leopoldo Arntzen que solicitou ao Núncio Apostólico a liberação para o trabalho de coleta. As resistências em permitir a ação dos jesuítas deviam-se ao fato do comitê competir com a obra de Socorro Pró-Vítimas da Guerra, que era o organismo oficial de ajuda humanitária da Igreja Católica. O comitê tinha muito mais sucesso nas coletas do que a obra pontifical, que se limitava a coletar dinheiro para a caridade às crianças órfãs da guerra. Após inúmeras tratativas que contaram com a intercessão de Pe. Leopoldo Arntzen ao Bispo Sueco Johannes Müller, a Nunciatura Apostólica no Rio de Janeiro concedeu autorização para que Pe. Pauquet participasse das coletas.⁵⁴

Afora os conflitos confessionais iniciais entre os jesuítas e luteranos, que dificultaram a articulação do trabalho conjunto, houve conflitos que se manifestaram no cotidiano das comunidades alemãs urbanas e rurais. O fato dos sínodos luteranos do país atuarem em conjunto com jesuítas não facilitou, a nível local, o trabalho conjunto entre os luteranos e católicos. As lideranças eclesiais locais tiveram algumas dificuldades de atender a proposta de ação conjunta em prol da Alemanha feita pelo comitê e, desta forma, criaram dificuldades que não haviam sido previstas pela sua diretoria.

Em Curitiba, Paraná, a ação conjunta de católicos e luteranos foi muito polêmica. Os católicos resistiam ao comitê local organizado pelo pastor Heinz Soboll, pois se admiravam de que as coisas da Caritas e dos jesuítas eram tratadas por eles. Havia pessoas que exigiam que os católicos tivessem de assumir as rédeas do trabalho. A Conferência dos Sacerdotes, realizada em 20 de outubro de 1947 chegou a proibir coletas que não fossem convocadas pelo Núncio Apostólico aos bispos. A presença de luteranos no comitê de Curitiba era lamentada pelos sacerdotes católicos.⁵⁵ As dissidências causadas pelas diferenças confessionais ou políticas dificultavam a articulação do comitê e a fundação de filiais pelo país. Segundo Pe. Rambo, no Rio de Janeiro, “Pauquet não conseguiu unir católicos, protestantes, partidários nazistas e os ‘filhos de Israel’ numa só organização”⁵⁶, o que obrigou a diretoria a trabalhar em parceria com outras organizações de ajuda humanitária como a Christliche Nothilfe.

52 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Leopoldo Arntzen a D. Carlo Chiarlo/Núncio Apostólico/RJ, 26/10/1947.

53 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Marcos Fendel, 13/08/1947.

54 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. August Adelpkamp, 09/03/1948.

55 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Luiz Gonzaga Mocha Curitiba/PR ao Pe. Balduino Rambo, 04/01/1948.

56 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Robert Bramsiepe/Brusque/SC, 21/10/1946.

Em Porto União, Santa Catarina, as diferenças confessionais fizeram as comunidades católica e luterana trabalhar separadamente. Isso prejudicou a coleta do comitê, pois tanto católicos quanto luteranos não obtiveram doações significativas e as divisões internas dos imigrantes alemães tornaram sua articulação muito difícil. As dificuldades enfrentadas não se configuraram somente a partir das diferenças confessionais existentes entre seus colaboradores, mas também a partir de questões de caráter político que se faziam presentes em meio aos imigrantes alemães. Pessoas de maior poder aquisitivo na comunidade, simpatizantes do nazismo durante a guerra, se negaram a ajudar financeiramente o comitê.⁵⁷

Caso parecido ocorreu em Brusque (SC), onde o trabalho conjunto foi muito difícil, pois os luteranos e a população desconfiavam das reais intenções do comitê. Segundo informações do Pe. Roberto Bramsiepe, “os ‘nazistas’ e ‘patriotas’ da localidade eram indiferentes à situação na Alemanha e se perguntavam: O que temos com isso?” Segundo o mesmo, os nazistas fiéis a Hitler e Goebbels queriam seguir conselho do *Führer* dado ao povo alemão: “Se perdermos a guerra é melhor nos enforcarmos a todos; quer dizer, enforcem-se!”⁵⁸ Em Rio Negro (PR), ex-nazistas prejudicaram os trabalhos através do boicote às coletas e a disseminação de boatos a respeito do comitê. Também havia aqueles que acusavam o comitê de conceber, por meio das doações, “cartas de indulgência de 20 a 30 contos” a ex-nazistas que colaboravam com o mesmo.⁵⁹ Estes boatos envenenaram o trabalho em várias regiões do país. No norte do Paraná, o comitê foi acusado de agir em prol do nazismo, o que prejudicou o sucesso das coletas, pois constrangeu muitos colonos a participar.

A Segunda Guerra Mundial causou a divisão dos imigrantes alemães no Brasil. Havia imigrantes e alemães do Império que apoiaram e aderiram ao nazismo e aqueles que, desde cedo, desconfiaram do governo de Adolf Hitler e de suas reais intenções para com os cidadãos alemães residentes no estrangeiro. Essas dissidências políticas mantiveram-se latentes no pós-guerra, na medida em que os simpatizantes do nazismo passaram à condição de derrotados e tiveram de se conformar com o novo contexto emergente da guerra. Estas dissidências eram mais fortes nos estados de Santa Catarina e Paraná, onde os simpatizantes do nacional-socialismo existiram em maior número.

No Brasil houve conflitos de imigrantes alemães do estado do Paraná com os judeus imigrados e que se mobilizaram em prol de seus conterrâneos europeus. Em Rolândia, região ocupada por imigrantes judeus, propôs-se remeter doações aos não-arianos. Estas propostas surgiram de pessoas que acusavam o Comitê de Socorro à Europa Faminta de ter uma postura nazista. O novo comitê baratearia a ajuda privada com a exclusão das remessas coletivas.⁶⁰

A articulação de imigrantes no Paraná em prol do envio de ajuda humanitária aos “não-arianos” foi combatida pelas lideranças do comitê que não viam com bons olhos a configuração de grupos dissidentes. A diretoria do comitê afastou-se destes elementos sociais. Os opositores dificultaram, em algumas localidades, a mobilização de lideranças da comunidade local para colaborar com o comitê. Em São Paulo, Pe. Walter Mariaux negou-se a colaborar porque considerava que não havia presença significativa

57 Acervo Benno Mentz, Carta de José Russ a Pe. Balduino Rambo, 15/11/1946.

58 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Roberto Bramsiepe a SEF, 21/06/1946.

59 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Willy Siegmann, 18/08/1946.

60 Acervo Benno Mentz, Carta de Dr. Nikolaus Kampf a SEF, 05/07/1948.

de imigrantes alemães na cidade. Segundo o mesmo: “há somente não-arianos (judeus?) que não têm simpatias pela Alemanha. Não há sentido em solicitar ajuda para pessoas que não têm vínculos com os destinatários das doações”.⁶¹ Ao referir-se aos não-arianos, Pe. Mariaux não se referia aos elementos luso-brasileiros, mas aos judeus emigrados para o Brasil antes do início da Segunda Guerra Mundial. Até 1933, marco da ascensão de Hitler na Alemanha, residiam no Brasil cerca de 40.000 judeus, sendo que entre 15.000 a 20.000 estavam concentrados em São Paulo.

Grupos sociais mobilizados

O Comitê de Socorro à Europa Faminta articulou vários grupos sociais distintos em prol da ajuda material para a Alemanha. Seus apelos dirigiram-se, em princípio, aos elementos economicamente mais representativos do grupo étnico alemão residentes nas regiões sul e sudeste do país. Estes grupos possuíam capital disponível para financiar a ajuda material aos alemães. São, portanto, os grandes comerciantes (*Großhandel*) e os industriais os primeiros segmentos contatados. Estes doadores localizavam-se nos núcleos urbanos mais significativos dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e do Rio de Janeiro. A colônia foi atingida posteriormente, pois Pe. Rambo não acreditava no potencial financeiro da mesma. Mesmo assim, os colonos foram incorporados na ação do comitê.

Para realizar seu trabalho junto aos “reis da indústria”, a diretoria solicitou aos colaboradores formas e modos de proceder para contatar estas pessoas, assim como as instruções práticas de como realizar as coletas na colônia. No entanto, o comitê teve de convencer seus colaboradores e doadores de que os donativos realmente chegariam ao seu destino. Os jesuítas temiam o surgimento de desconfianças entre católicos e luteranos que causassem um racha no comitê. Os luteranos eram responsáveis por 75% das doações. Se não houvesse garantias de que suas doações atingiriam os destinatários luteranos, sua participação corria o risco de acabar. Era a primeira vez que católicos e luteranos atuavam juntos. Isto exigiu que ambos cumprissem com o acordo firmado entre suas lideranças.

A excessiva dependência econômica do comitê em relação aos luteranos preocupou Pe. Rambo quando se propôs a organização de uma festa em prol do mesmo já no final de 1947. Sua organização foi um pedido dos empregados da Firma Renner. Houve apoio em relação à iniciativa, pois a festa atingiria os segmentos sociais da classe média dos descendentes de alemães e alemães do Reino onde, segundo Pe. Rambo, “praticamente não valia a pena coletar”.⁶² A festa incorporaria os círculos de imigrantes junto aos quais a coleta espontânea não era possível, como no caso dos trabalhadores dos setores industriais. Contudo, Pe. Rambo preocupava-se com o excessivo caráter protestante do evento, com a proibição de coleta do Núncio Apostólico para Pe. Pauquet e de que as autoridades fossem simpáticas à iniciativa.

Elemento destacado nas coletas do comitê foi o ex-intendente municipal de São Leopoldo, Ten. Cel. Guilherme Gaelzer Netto. Sua atuação foi importante porque mediou o trabalho conjunto com a Cruz Vermelha Brasileira, assim como atuou em prol do comitê

61 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Walter Mariaux/SP, 10/09/1946.

62 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen, 10/01/1947.

junto aos círculos políticos da capital do país. Destacou-se ao buscar, junto às autoridades inglesas, as autorizações necessárias para que o comitê enviase, em sua terceira remessa, pacotes privados para a Alemanha.

Gaelzer Netto usou diversas estratégias para atingir seus objetivos. Mobilizou amigos íntimos no Rio de Janeiro para expor o trabalho do comitê em prol da “Europa Faminta”. Sua atuação não foi desinteressada, pois esperava retornar à Alemanha com o navio que levaria a terceira remessa e traria os repatriados brasileiros para o Brasil. Em Berlim pretendia assumir um posto junto à Missão Militar Brasileira como Secretário de Imigração.⁶³ Gaelzer Netto já havia estado na Alemanha antes da guerra, onde ocupou o posto de Conselheiro do Comércio junto à Legação Brasileira em Berlim. A nomeação de Gaelzer Netto para o cargo interessava às lideranças do comitê atentas à questão migratória do pós-guerra. Considerava-se importante sua nomeação para salvar “os patrícios” na Alemanha. O mesmo aceleraria a repatriação dos brasileiros solicitada pelo comitê e a Cruz Vermelha.⁶⁴ A atuação de Gaelzer Netto foi importante por causa das personalidades políticas que mobilizou. Contudo, Netto não foi somente mediador do comitê junto às autoridades políticas, mas também indicou pessoas economicamente representativas do empresariado paulista que podiam colaborar.

O Comitê de Socorro à Europa Faminta dirigiu-se, inicialmente, aos círculos de origem alemã; contudo, com o decorrer do tempo e à medida que suas dificuldades de atuação diminuíram, incorporou outros grupos sociais, cuja colaboração era considerada importante. Apesar de criticar a fraca participação dos católicos no comitê, Pe. Rambo contou com as doações da comunidade católica luso-brasileira. Entretanto, a ajuda material não se restringiu somente à participação dos luso-brasileiros e às instituições de cunho eclesial. O envolvimento de outros grupos buscava acabar com o ódio e a desconfiança que existiam desde a guerra, principalmente, junto aos habitantes luso-brasileiros e italianos dos núcleos urbanos.⁶⁵ Contudo, sua participação foi pequena. Os maiores colaboradores eram os descendentes de alemães no Brasil e os alemães do Reino que viviam no país.

O comitê teve de superar as diferenças internas existentes no grupo étnico alemão, principalmente as de caráter político. Havia, entre os doadores, nazistas e refugiados políticos da Alemanha no Brasil. Pe. Rambo entendia que a ajuda à Alemanha era mais importante do que as dissidências políticas entre os doadores. A culpa pela guerra deveria ser esquecida e as diferenças superadas. A participação destes grupos no comitê, principalmente de ex-nazistas, estimulou atritos internos. Os ex-nazistas não eram aceitos por alguns imigrantes alemães, mas tiveram um papel importante nas arrecadações. Suas significativas contribuições financeiras interferiram na fundação dos comitês locais e provocaram embates frontais que dificultaram o trabalho. Alguns ex-integrantes do Partido Nazista no Brasil foram impedidos por algumas lideranças de participar das arrecadações do comitê. Entretanto, Pe. Rambo era contra esse tipo de exclusão, pois via o comitê como um elemento rearticulador da comunidade étnica alemã no pós-guerra.⁶⁶

O Comitê de Socorro à Europa Faminta mobilizou personalidades pertencentes a diferentes segmentos sociais em prol da Alemanha. Estas ocuparam espaços sociais distintos e

63 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Leopoldo Arntzen, 18/08/1946.

64 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Cel. Gaelzer Netto, 04/10/1946.

65 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Irmã Eglydia/Colégio sagrado Coração de Jesus/ Florianópolis, 18/06/1947.

66 Acervo Benno Mentz, Carta de Pe. Balduino Rambo a Pe. Robert Bramsiepe/Brusque/SC, 23/08/1946.

desempenharam diferentes papéis dentro da sociedade brasileira e em meio aos imigrantes. Imbuídos de motivações distintas e, algumas vezes, conflitantes, articularam-se em prol do comitê, utilizando uma série de estratégias políticas, sociais e econômicas. Os conflitos internos dos imigrantes alemães, as articulações com a sociedade luso-brasileira e, as dificuldades impostas pelo governo brasileiro para o funcionamento do comitê, somente foram eliminadas pela capacidade de articulação de suas lideranças, que tiveram de se desdobrar para superar as dificuldades que impossibilitavam sua ação.

Bibliografia

- Arendt, Isabel Cristina (2000): “Representações do colono teuto-brasileiro católico através da negação do outro nos escritos de Pe. Balduino Rambo”. Em: Arendt, Isabel Cristina/Da Silva, Haike Roselane Kleber (eds.): *Representações do discurso teuto-católico e a construção de identidades*. Porto Alegre: EST, pp. 97-200.
- Da Silva, Neli Schäfer Tesch (2003): *A compreensão jesuítica da identidade (étnica) teuto-brasileira católica rural no Rio Grande do Sul: instrumento (de poder) do projeto de Restauração Católica Regional. (1872-1961 – Rio Grande do Sul)*. São Leopoldo: Tese de Doutorado, UNISINOS.
- Fausel, Erich (1950): “SEF und Siegmann”. Em: *Jahrweiser für die Evangelischen Gemeinden in Brasilien*. São Leopoldo: Sinodal, pp. 99-101.
- Faraco, Danilo (1946): “Mandem-nos caminhões”. Em: *Correio do Povo*, 06/09, p. 4.
- Fernandes, Evandro (2005): *S.O.S Europa Faminta. Comitê de Socorro à Europa Faminta – SEF*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado, UFSC.
- Isaia, Artur César (1998): *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Meyer, Dagmar Elisabeth Estermann (2000): *Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Sinodal.
- Rabuske, Arthur (1986): “Algo da obra caritativa dita SEF, segundo o diário pessoal de Balduino Rambo”. Em: Müller, Telmo Lauro (ed.): *Simpósio de História da Igreja*. São Leopoldo: Rotermund, pp. 145-167.
- Rambo, Balduino (1947): “Deutschlandhilfe”. Em: *Die Fahne des Hl. Ignatius. Kalender des Jesuitenkollegs in São Leopoldo für Schüler, Eltern, Freunde und Wohltäter*, abril, pp. 52-54.
- (1984): *Em busca da grande síntese*. São Leopoldo: UNISINOS.
- Rambo, Arthur Blásio (1998): “D. João Becker, perfil de um bispo rio-grandense”. Em: Dreher, Martin Norberto (ed.): *Populações Rio-Grandenses e Modelos de Igreja*. São Leopoldo: EST/Sinodal, pp. 226-240.
- Torrales, Mauro (1990): *Colégio Anchieta: cem anos*. Porto Alegre: Gráfica Pallotti.
- Vasconcelos, Valdemar (1946): “Socorrendo a Europa”. Em: *Correio do Povo*, 17/07, p. 4.